

A PRONÚNCIA DE LÍNGUAS NO CANTO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Jeanne Rocha

UFU

PPG – Mestrado Artes-Música

SIMPOM: Subárea de Teoria e Prática da Execução Musical

Resumo: Este artigo pretende compor um referencial teórico sobre o ensino da pronúncia de línguas, com o objetivo de fundamentar estudos sobre dicção para cantores. Tomamos por base literaturas sobre o ensino de Língua Estrangeira (LE), da área de Letras, e sobre dicção para cantores, apresentando um levantamento histórico sobre pronúncia na fala e no canto, habilidades e saberes linguísticos pertinentes ao falante e ao cantor, bem como metodologias para o seu ensino. Em sua atuação profissional, além da língua materna, cantores em geral executam repertório de diversas línguas e dialetos e, mesmo não sendo um falante destas línguas, devem apresentar habilidades na pronúncia, preservando suas características fonéticas. Tal preparo fica a cargo da disciplina Dicção, componente curricular dos cursos de Canto na maioria das instituições da área. No Brasil, esta disciplina conta com escassez de pesquisas, produção de material didático e metodologias que venham subsidiar seu ensino. A partir da nossa experiência docente com esta disciplina em Curso Técnico em Conservatórios, desenvolvemos uma proposta para o ensino da dicção com base na Fonética, do ponto de vista da articulação – a Fonética Articulatória, e da representação gráfica – o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) e sua aplicação prática, a transcrição fonética (ROCHA, 2008). Atualmente, faz parte de pesquisa em andamento realizada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) de agosto a dezembro de 2011, onde aplicamos tal proposta a 11 alunos de canto e coletamos dados para investigar os benefícios da Fonética no processo ensino-aprendizagem da dicção, na expectativa de novas estratégias de ensino e material didático.

Palavras-chave: Dicção Para Cantores; Pedagogia Vocal; Fonética Articulatória; Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

The Pronunciation of languages in the singing: theoretical foundations

Abstract: This article aims to make a theoretical reference about the teaching of languages pronunciation, which goal of support studies of diction for singers. It relies on the literature on the teaching of a foreign language (LE), the area of Letters, and about diction for singers, presenting a historical survey of pronunciation in speech and in singing, language skills and knowledge relevant to the speaker and singer, as well as methodologies for teaching. In their professional practice, in addition to their mother tongue, singers usually perform repertoire from various languages and dialects and, although not a speaker of these languages must present skills in pronunciation, preserving their phonetic characteristics. Such preparation is in charge of discipline Diction, curricular component of courses in most singing institutions area. In Brazil, this discipline has dearth of research, production of teaching materials and methodologies that will support their education. From our experience with teaching this discipline in Conservatories Technical Course, developed a proposal for teaching diction based on Phonetics, from the point of view of articulation - the Articulatory Phonetics, and the graphic representation - the International Phonetic Alphabet (IPA) and its practical application, the phonetic transcription (ROCHA, 2008). Currently, it is part of ongoing research carried out in Universidade Federal de Uberlândia (UFU) from August to December 2011, where we apply this proposal to 11 students singing and collect data to investigate the benefits of Phonetics in the teaching-learning process of diction, waiting new teaching

Keywords: Diction for Singers; Vocal Pedagogy; Articulatory Phonetic; International Phonetics Alphabet (IPA).

1. Introdução

Segundo Moriarty (1975) o cantor aspirante a uma carreira deve ter em seu domínio ao menos quatro ou cinco línguas, sendo esperada a pronúncia delas com refinamento e habilidade. Considerando a atuação profissional de cantores líricos brasileiros, o repertório vocal abrange, no mínimo, sete línguas, a saber: Português Brasileiro (PB), Latim, Italiano, Espanhol, Francês, Alemão e Inglês, também obras de compositores brasileiros escritas em dialetos indígenas, entre outros.

Geralmente, o ensino de pronúncia de línguas nos cursos de Canto na maioria das instituições da área é provido pela disciplina Dicção. Em nossa pesquisa de Mestrado em andamento, verificamos que, nem todas estas línguas citadas integram ao conteúdo programático desta disciplina em algumas instituições do Triângulo Mineiro, prevalecendo o ensino de Italiano, Francês e Alemão, enquanto línguas de maior ocorrência na prática profissional e docente dos formandos como PB, Inglês e Espanhol estão ausentes nesta formação acadêmica. Acreditamos ser esta a realidade de outras instituições brasileiras também, mediante a escassez de literatura nacional, material didático e metodologias para o ensino da dicção.

No Brasil, o aluno dos cursos Técnico, Licenciatura e Bacharelado em Canto, geralmente, atua como cantor e/ou professor de canto, também como preparador vocal, ou regente de coro. Faz parte de seu trabalho docente ensinar a pronúncia de repertório nacional e estrangeiro, devendo para isso, conhecer e saber aplicar as normas de pronúncia da língua materna e, no mínimo, outras seis línguas, embora tenha recebido, em geral, instrução para apenas três.

Diante disso, voltando o olhar para a prática docente do canto, percebemos a Dicção como uma disciplina canalizadora de saberes e habilidades pertinentes à formação de cantores professores. Adler (1974) considera o domínio da língua e o conhecimento transversal de outras línguas como parte das qualificações do professor de canto e do acompanhador, referindo-se ao entendimento minucioso de sua fonética, gramática e estilo intrínseco a ela. O autor acredita que sendo capaz de compreender sua própria língua do ponto de vista de todos os seus problemas fonéticos e linguísticos e obter uma qualidade de pensar sobre ela, estes profissionais estarão em uma posição privilegiada para estudar e compreender outras línguas.

Este artigo pretende compor um referencial teórico sobre o ensino da pronúncia de línguas. Tomamos por base literaturas sobre o ensino de Língua Estrangeira (LE), da área de Letras, e sobre dicção para cantores, apresentando um levantamento histórico sobre pronúncia na fala e no canto, habilidades e saberes linguísticos pertinentes ao falante e ao cantor, bem

como metodologias para o seu ensino. Esperamos contribuir com fundamentos para estudos sobre dicção para cantores.

2. A fala e o canto

A fala pode ser entendida como a substância fônica de uma língua e o canto como o conjunto de técnicas para o aprimoramento da voz como instrumento musical. Falar se define na capacidade de expressão por meio de palavras e cantar se define na expressão vocal por meio de frases melódicas. Ambas as expressões ocorrem em uma língua, seja materna, seja estrangeira (HOUAISS & VILLAR, 2009; FERREIRA, 2010). A fala e o canto têm bases comuns: os sistemas respiratório, fonador e ressonador, aliados à estrutura neurológica que atua no processo de produção da voz e no aprendizado de uma língua. A diferença entre estas duas atividades vocais pode estar na técnica de utilização desses sistemas conjuntamente. Embora seja um assunto de extrema sensibilidade, nos interessa aqui entender apenas as relações que um falante e um cantor têm com a língua para levantarmos pontos de atenção ao ensino da dicção.

Um falante necessita conhecer os elementos linguísticos do idioma, suas relações, estruturas e funções para realizar a comunicação verbal e oral (PALOMO, 2003), estando apto nas quatro habilidades ouvir, falar, ler e escrever, podendo a pronúncia estar relegada em *segundo plano* (LEFFA, 1988; HIRAKAWA, 2007).

Um cantor pode cantar em diversas línguas mesmo não sendo um falante de nenhuma delas, nem conhecer seus aspectos fonológicos. Todavia, em suas atividades, além de aspectos técnicos, musicais e interpretativos, a pronúncia deve estar em *primeiro plano*. Para que isto seja possível, necessita basicamente, a aquisição dos processos e mecanismos fonéticos que lhe permitam pronunciar cantando, o texto na língua-alvo, considerando as possibilidades do sistema e a norma-padrão socialmente aceita pelo grupo de falantes nativos. Consideramos este um dos propósitos da disciplina Dicção.

Para Moriarty (1975) a dificuldade de falar uma LE está relacionada a problemas de entonação, acento e cadência – diferente dos cantores que têm isso determinado pelo compositor na escrita musical que diz “*quando a voz deve subir ou descer, quanto duram as sílabas, quando ocorrem as pausas e até onde o acento recai*”. O autor também orienta que consoantes e vogais devem ser articuladas mais claramente no canto que na fala habitual.

3. A pronúncia de línguas

Na Fonética – ciência que estuda os sons da fala do ponto de vista articulatorio, acústico e auditivo – pronúncia pode ser definida como o conjunto de sons de uma língua e as combinações possíveis entre elas; também como modo de articular as palavras de uma língua mais ou menos de acordo com a prosódia. Desta forma, dicção e pronúncia são palavras sinônimas, podendo ser aplicadas quando se trata da produção dos sons na fala ou no canto (HOUAISS & VILLAR, 2009; FERREIRA, 2010).

Na fala: a literatura de Letras revela que, ao longo dos anos, o ensino da pronúncia de LE em sala de aula tem passado por divergentes pontos de vista, sendo, portanto, um tema bastante presente em sua produção científica.

Quanto à inteligibilidade, Celce-Murcia et al. (1996, apud REIS, 2007) defendem que *“a pronúncia inteligível é um dos componentes necessários para a comunicação oral efetiva”*; em contrapartida, Seidlhofer (2004, idem) entende que *“uma pronúncia acurada é desnecessária e o modelo nativo não tem utilidade alguma”*.

Quanto ao ensino e aprendizagem, Pennigton (1989, idem) acredita que *“não há bases firmes que se assegure categoricamente que a pronúncia não é possível de ser ensinada ou que não seja de valia despendar tempo nessa atividade”*, enquanto Cagliari (1978, apud SOUZA, 2009) defende a importância de um ensino de qualidade:

A boa e correta pronúncia da língua que se está aprendendo é atualmente uma das preocupações fundamentais no ensino de línguas; ensinar uma pronúncia adequada (falada ou lida) é tornar o aluno consciente das posturas fonéticas que devem realizar, a fim de articular corretamente os sons, respeitando a empatia entre os interlocutores.

Quanto à situação atual, Souza (2009) considera ter aumentado nos últimos anos o interesse pelo ensino da pronúncia, sendo um dos objetivos atuais, desenvolver nos alunos habilidade de pronúncia suficiente para uma comunicação efetiva com falantes nativos. Porém, divergências entre a teoria e a prática podem ser observadas:

Apesar de a pronúncia, como componente da comunicação oral, estar recebendo uma atenção cada vez maior, na literatura sobre o ensino de línguas, os livros didáticos, em sua maioria, não refletem esse interesse. O que se encontra são atividades voltadas para a fala ou para a compreensão auditiva e não para a pronúncia propriamente dita. (Bollela, 2002, apud SOUZA, 2009).

No canto: a pronúncia de línguas no canto – mais conhecida como dicção – tem literatura ainda escassa, em geral, estrangeira (ADLER, 1974; LABOUFF, 2007; MORIARTY, 1975, entre outros), basicamente apresentando normas para a pronúncia ou fonética de Italiano, Francês, Alemão e Inglês, consideradas por Miller (2011) as quatro

principais escolas nacionais de Canto do Oeste Europeu; também são encontrados manuais de ensino de Latim e Espanhol. Boa parte desta literatura é de autoria norte-americana e as abordagens para pronúncia de língua inglesa se referem ao Inglês Americano.

A literatura nacional aborda questões da língua nacional. Aspectos linguísticos da pronúncia do PB no canto erudito foram apresentados por Andrade (1991) e consolidados nas Normas de Pronúncia publicadas após o Congresso da Língua Nacional Cantada, em 1937, e recentemente reformuladas e publicadas (Kayama et. al., 2007). No século XXI, tem sido crescente a produção científica sobre a pronúncia do PB Cantado, em abordagens diversas (HANNUCH, 2011; PINHEIRO, 2010, entre outros).

A literatura sobre técnica vocal em geral aborda aspectos fisiológicos, estéticos e pedagógicos (COSTA & SILVA, 1998; MILLER, 2011, entre outros). Quanto a aspectos fonéticos, geralmente, se referem à “boa pronúncia” ou “boa enunciação” ou ainda “boa articulação” e quase sempre esses termos estão vinculados a aspectos técnico-vocais e não sobre a pedagogia da dicção. Christy & Paton (1997) entendem a dicção como uma área da técnica vocal relacionada a produzir palavras claras, incluindo conceitos que se resumem nesta sentença: *“Nós pronunciamos palavras, enunciamos as vogais e sílabas e consoantes articuladas”* então temos boa dicção *“quando fazemos tudo isto bem”*.

Procuramos por questões de pronúncia na história da pedagogia vocal nos tratados de três professores de canto da escola italiana dos séculos XVII a XIX, a saber, Pier Tosi (1647-1732), Giambattista Mancini (1714-1800) e Manuel Garcia (1805-1906) traduzidos e analisados por Pacheco (2009).

Em seu Tratado de Canto *Opinione de cantori antichi e moderni, o sieno osservazione sopra il canto figurato* Tosi orienta que o aluno só deva cantar trechos musicais com texto depois de ter um bom domínio da emissão das vogais; também menciona dois perigos na abertura de boca, uma excessiva e outra insuficiente, ambas dificultando a articulação do texto e a emissão vocal, principalmente nas vogais: *“... então não é mais possível entender se disseram Balla ou Bella, Sesso ou Sasso, Mare ou More”*. O autor aconselha a *“Corrigir os erros de pronúncia”* para que o texto seja bem entendido e *“estudar latim para entender o que se está sendo cantado na igreja”*. Para ele, *“é justamente a possibilidade de articular palavras que faz um cantor prevalecer sobre um instrumentista.”* (Tosi, 1723, apud PACHECO, 2009).

Em seu Tratado de Canto *Riflessioni pratici sul canto figurato* Mancini faz referências a aspectos técnico-vocais quanto à posição da língua, da abertura e forma de boca como fatores que interferem na boa pronúncia das palavras: *“não a deixa articular as*

palavras nem com limpeza nem com clareza". O autor recorre a recursos de oratória como a declamação para elucidar o poder das palavras do texto na interpretação do cantor e afirma ainda que para uma boa pronúncia deve-se estudar gramática, história e a pronúncia italiana: "*da gramática se aprende este modo correto de escrever, ler e falar*" (Mancini, 1774, apud PACHECO, 2009).

Na primeira parte do Tratado de Canto *Traité complet sur l'art du chant* Garcia fala da emissão e qualidade da voz apontando questões técnicas que possibilitam uma boa emissão vocal. Na segunda parte, trata da articulação e de todas as questões de uma boa pronúncia textual no canto. Como os autores citados, Garcia também relaciona abertura e forma da boca a problemas de emissão vocal e de pronúncia do texto e aconselha o cantor a analisar com atenção o mecanismo que produz as vogais e as consoantes. Cita a prosódia, poética, oratória e dramatização, sempre aplicando a estas, soluções da fisiologia e da técnica vocal. Suas referências sobre pronúncia envolvem os termos "a boa pronúncia das palavras" e "a boa expressão do texto." (Garcia, 1985, apud PACHECO, 2009).

Portanto, para os três autores, aspectos de pronúncia se refere mais a questões técnico-vocais, basicamente tendo a forma da boca e a posição da língua como fatores interferentes na "boa enunciação" vocal.

4. Metodologias para o ensino da pronúncia de LE

De acordo com Hirakawa (2007), a aprendizagem de LE data-se da Antiguidade mediante a prática comercial ou militar entre povos. Já o ensino sistematizado ocorre por volta de 3500 a.C., a partir da criação da escrita entre os sumérios, especificamente o uso de signos fonéticos indicando a pronúncia, buscando a correspondência som-grafia da língua-alvo. A relação som-grafema e a importância de fatos suprasegmentais como entonação e ritmo seguem com egípcios e gregos, até à criação do sistema de educação bilíngue romano, em grego e latim, com ápice na Idade Média. Uma iniciação à fonética do latim pode ser vista no século XVII na obra *Orbis Sensualium Pictus* de Comenius, considerado o fundador da didática de línguas, em que associa imagens de animais, frases escritas, transcrição fonética do som ilustrado e letras em formas maiúsculas e minúsculas da grafia latina.

Até ao século XIX metodologias de ensino de LE como Gramática-Tradução, Método de Séries, entre outras, não apontavam preocupação com a pronúncia priorizando a gramática, a morfologia e a sintaxe da LE, bem como as habilidades de leitura e escrita. A primeira contribuição linguística ao ensino da pronúncia ocorreu na Europa a partir do Movimento da Reforma no ensino de línguas, influenciado por foneticistas que em 1886

criaram a Associação Internacional de Fonética e o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), resultados da constituição da Fonética como disciplina e em defesa do “*estudo da língua falada e a formação fonética com o fim de estabelecer bons hábitos de pronúncia.*” (Richards; Rodgers, 1998, apud HIRAKAWA, 2007).

A importância deste período para a Fonética pode ser vista em dois eventos: a) a criação do Método Fonético – um enfoque científico para o ensino de LE – desenvolvido por foneticistas alemães, como Wilhelm Viëtor e outros práticos (*praticiens*) da época, acreditando que as descobertas da Fonética deveriam ser aplicadas na prática didática e na formação dos professores de LE; b) a alta produção de métodos e recursos didáticos para o desenvolvimento das habilidades fonéticas:

Exercícios de discriminação e identificação de sons, exercícios de transcrição fonética visando o desenvolvimento da acuidade perceptiva dos fatos segmentais e suprasegmentais, técnicas de controle de produção dos fatos fonéticos (descrições simplificadas da articulação dos sons, diagramas ilustrando a posição dos órgãos), exercícios de repetição e exercícios de leitura em voz alta para promover a autocorreção. (Champagne-Muzar; Bourdages, 1993, apud HIRAKAWA, 2007).

No século XX, além destas abordagens encontram-se novas metodologias para o ensino de LE. Hirakawa (2007) destaca: Metodologia Direta, Áudio-Oral, Audiovisual (SGAV) e Abordagem Comunicativa, bem como outras não convencionais como Resposta Física Total e Método Silencioso. A abordagem Áudio-Oral deu grande importância aos sons, com publicações de diagramas da boca indicando a posição da língua e dos lábios e exercícios sistemáticos de repetição e de compreensão auditiva. Na abordagem Audiovisual (SGAV) o método verbo-tonal valoriza os fatos suprasegmentais entonação e ritmo como fundamentos para o domínio da pronúncia: “*a estratégia verbo-tonal se caracteriza então por uma reeducação da audição passando por um quadruplo condicionamento no plano psicológico, corporal, psicossomático e áudio-fonatório.*” (Guimbretière, 1994, apud HIRAKAWA, 2007).

Das metodologias não convencionais, o Método Silencioso preza a acuidade da produção de sons da língua-alvo desde o início do processo ensino-aprendizagem. A Resposta Física Total alia fala e gesto, acreditando que a atividade motora exerça importante papel na produção dos sons de uma língua: “*não seria esta uma das dificuldades maiores na aprendizagem da pronúncia que alia um saber conceitual a um funcionamento muscular articulatorio?*” (Guimbretière, 1994, apud HIRAKAWA, 2007).

5. A Fonética como ferramenta no ensino da pronúncia de línguas

Souza (2009) aponta duas abordagens gerais para o ensino da pronúncia:

1) abordagem de imitação intuitiva (*intuitive-imitative approach*), a qual depende da habilidade dos alunos de ouvir e imitar os ritmos e sons da língua-alvo sem a intervenção de nenhuma informação explícita; 2) abordagem linguístico-analítica (*analytic-linguistic approach*), que utiliza informações e ferramentas tais como o alfabeto fonético, descrições articulatórias e ajuda para melhor percepção das habilidades orais (*listening e speaking*) e imitação.

A literatura estrangeira sobre dicção para cantores citada anteriormente aplica a abordagem linguístico-analítica. Também fundamentamos nesta abordagem nossa proposta para o ensino e aprendizagem da dicção no canto, por acreditar que aprender fonética ao estudar a pronúncia de línguas facilita o entendimento, primeiro, da articulação e produção dos sons, segundo, da representação gráfica, a relação grafia-som.

A Fonética Articulatória visa o estudo dos sons da fala do ponto de vista articulatório, observando como são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador (SOUZA, 2009), bem como a descrição precisa desses sons e suas possíveis co-articulações no espaço destinado ao trato vocal, sendo importante no processo ensino-aprendizagem de línguas. Compreender as descrições articulatórias favorece o aprendizado da pronúncia de línguas uma vez que o aprendiz passa a conhecer e saber praticar o movimento certo dos articuladores em seus modos e pontos de articulação, com consciência da corrente de ar no processo fonatório.

Geralmente, os cursos de fonética tem por objetivo o ensino de como os sons do discurso são transcritos ou escritos, para isso, os alunos deverão aprender o alfabeto fonético (SOUZA, 2009). No início dos estudos, o aprendiz tem como único o sistema sonoro, com uma tendência natural de transportar os hábitos linguísticos de sua língua materna na aprendizagem de outra língua. Ao aprender fonética, passa-se a perceber o som verdadeiro de elementos fonológicos característicos de cada língua, sem transferência ou interferência da língua materna, porque se associa o que lê ou ouve aos sons aprendidos no alfabeto fonético.

Com o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) pode representar, por meio de símbolos, todos os sons articulados pelo aparelho fonatório humano, compreender anotações de pronúncia em dicionários ou em aula de canto orientada por professor estrangeiro, ou ainda, ensinar a pronúncia do PB a professores e cantores estrangeiros. Hirakawa (2007) o apresenta como ferramenta para o ensino e aprendizagem da pronúncia de línguas em geral; Miller (2011) considera a sua eficiência na pedagogia vocal, realçando o crescente número de publicações americanas utilizando este sistema na dicção para cantores.

Considerações finais

A literatura da área de Letras apresenta-se como um referencial teórico bastante favorável em estudos sobre dicção para cantores, tanto do ponto de vista didático-pedagógico, quanto em outras investigações como diferenças fonéticas entre o ensino de pronúncia na fala e no canto.

Referências

- ADLER, Kurt. *Phonetics and Diction in Singing: Italian, French, Spanish, German*. Minnesota: North Central Publishing Company, 1974.
- ANDRADE, Mario de. Normas para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito. *Revista Brasileira de Música: Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil*, Rio de Janeiro, v.5, 1º fascículo, p. 1–35, 1938.
- _____. Os compositores e a língua nacional. In: *Aspectos da Música Brasileira*. RJ: Villa Rica, 1991.
- CHRISTY, Van A. & PATON, J. G. *Foundations in Singing*. NY: McGraw-Hill, 1997.
- COSTA, H. O. & SILVA, M. A. A. *Voz cantada*. SP: Lovise, 1998.
- FERREIRA, A. B. de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- HANNUCH, S. M. *A dicção no repertório de câmara brasileiro – A problemática das vogais nasais*. 2011. Dissertação (Mestrado em andamento), UNESP, São Paulo.
- HIRAKAWA, Daniela Akie. *A fonética e o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: teorias e práticas*. 2007. Dissertação (Mestrado), USP, São Paulo.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Objetiva, 2009. International Phonetic Alphabet (IPA, 2005). Disponível em: <<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa>>. Acesso em: 25/09/2012.
- KAYAMA, A. et. al. *Normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito*; In: OPUS; V. 13, n.2, dezembro, 2007; p. 16–38.
- LABOUFF, K. *Singing and Communicating in English: a singer's guide to English diction*. USA: Oxford University Press, 2007.
- LEFFA, V. J. *Metodologia do ensino de línguas*. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1988. p. 211–236.
- MILLER, R. *On the art of singing*. 2. Ed. NY: The Oxford University Press, Inc., 2011.

- MORIARTY, John. *Diction: Italian, Latin, French, German...the Sounds and 81 Exercises for Singing Them*. Boston: E.C. Schirmer Music. Co., 1975.
- PACHECO, A. *O canto antigo italiano: uma análise comparativa dos tratados de canto de Pier Tosi, Giambattista Mancini e Manuel P. R. Garcia*. SP: Annablume: Fapesp, 2006.
- PALOMO, S. M. S. Ensino/aprendizagem de língua estrangeira: as estruturas fonético-fonológicas. In: Guilherme Fromm; Maria Célia Lima-Hernandes. (Org). *Domínios de Linguagem III: Práticas Pedagógicas 2*. SP: Yangraf Gráfica e Editora, 2003, v.1, p. 133–146.
- PINHEIRO, A. *Análise comparativa do uso da tabela fonética do Português Brasileiro cantado por cantores argentinos com e sem o uso de um recurso áudio visual*. 2010. Dissertação (Mestrado), UNESP, São Paulo.
- REIS, M. S. Efeitos de treinamento perceptual na percepção e produção das plosivas não-vozeadas do inglês. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERARIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 1658-1669.
- ROCHA, Jeanne. *Fonética para Cantores: Os Sons do Português Brasileiro na Canção de Arte*. Uberlândia: não publicado, 2008.
- SILVA, A. M; FREITAS, N. E. de; PINHEIRO, M. S. de. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses*. 4. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2004. 158 p.
- SOUZA, M. O. P. de. *A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira*. Revista Prolíngua, vol. 2. Nº 1, Jan/Jun 2009.